

AS TRABALHADORAS RURAIS DO ESTADO DA BAHIA E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Raimunda Maria dos Santos¹
Suraia Zacharias²

Resumo: *Este estudo tem por objetivo avaliar as relações de gênero e, por conseguinte, a violência doméstica contra a mulher nas áreas de Reforma Agrária e Agricultura Familiar do Estado da Bahia. Busca-se interpretar os discursos e estratégias das trabalhadoras rurais, no enfrentamento da violência doméstica. Para isso, foram coletados dados no VII Acampamento das Trabalhadoras Rurais sem Terra, com entrevistas junto a 23 mulheres trabalhadoras rurais e 2 homens trabalhadores rurais, no período de 5 a 8 de março do ano em curso. O estudo teve como foco principal a problematização de mulheres em situação de violência em áreas de assentamentos e áreas de agricultura familiar, como também as possibilidades de enfrentamento e erradicação deste fenômeno. Na análise da pesquisa, foi observado que, para essas mulheres, a gênese da violência está nas relações patriarcais e na estrutura desigual das relações de gênero; outro ponto observado é com relação à necessidade de estruturas governamentais e não governamentais para fóruns de debate sobre a violência doméstica contra as mulheres, salientando, porém, que nesses fóruns haja a inserção do segmento masculino, pois, para conseguir êxito, as instituições que cuidam da violência doméstica contra a mulher têm que direcionar os trabalhos para o casal, caso contrário serão trabalhos para a classe feminina e não para erradicação da violência doméstica que as mesmas sofrem.*

Palavras-chave: Gênero; Relações patriarcais; Violência doméstica; Trabalhadora rural.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo desenvolvimento do tema surge no Programa Nacional de Documentação da Mulher Trabalhadora Rural, durante o período de realização do estágio curricular, ocorrido entre fevereiro de 2005 a janeiro de 2007, oportunidade que possibilitou a aproximação com as mulheres do meio rural.

Para a construção do estudo, utilizou-se da pesquisa de campo realizada no VII acampamento, instalado no espaço físico da Jequitiaia, localizado em Salvador na área do comércio, mediante levantamento de dados com entrevistas junto às trabalhadoras rurais, no período de 05 a 08 de março de 2007, tendo como finalidade analisar os discursos e estratégias de enfrentamento das mulheres em situação de violência doméstica nas áreas de reforma agrária e agricultura familiar.

A fundamentação teórica deste estudo pautou-se em leituras de autores especializados nas questões de gênero, sistema patriarcal e violência doméstica contra a mulher.

¹ Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador - UCSal. E-mail: munda.santos@hotmail.com. O estudo foi apresentado ao DESUP para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, e a pesquisa foi realizada em março de 2007.

² Orientadora – Professora da Escola de serviço Social da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

Participaram do estudo 25 trabalhadores presentes no VII Acampamento em março do ano em curso, de forma que foram realizadas entrevistas com 23 mulheres trabalhadoras rurais e dois homens trabalhadores rurais, com o objetivo de compreender o cotidiano desses trabalhadores.

Selecionada a amostra deste estudo, o instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista aberta com dez questões, objetivando compreender os discursos das trabalhadoras rurais e suas representações acerca da violência doméstica.

Os resultados e análise dos dados obtidos estão dispostos no conteúdo dos capítulos que compõem este trabalho, distribuídos da seguinte maneira: no primeiro são apresentados os resultados da pesquisa bibliográfica, que aborda o conceito de gênero e patriarcado, bem como a gênese no mundo e no Brasil, além das vítimas da estrutura social, as diferentes formas de violência, e também, os culpados da violência doméstica contra as mulheres.

O segundo capítulo trata-se de uma breve caracterização da questão agrária, a criação do INCRA, uma explanação do PNDTR, a experiência do estágio, os acampamentos das mulheres trabalhadoras rurais sem terra, os dados obtidos por meio da pesquisa empírica e a análise dos discursos e estratégias das trabalhadoras rurais.

A conclusão deste trabalho ocorre com a retomada de aspectos considerados importantes, fazendo relação com a problemática que desencadeou todo esse processo. Podemos ainda inferir, de acordo com os dados obtidos, que a compreensão da violência contra mulheres ganha mais sentido ao adotarmos uma análise que considere as condições em que histórica e socialmente se constroem e estabelecem as relações sociais, ou seja, quando analisada sob a perspectiva do patriarcado.

2 - RELAÇÕES DE GÊNERO

O estudo busca uma análise do conjunto dos fatores de ordem política, econômica e social, os quais podem contribuir para se entender a mulher em situação de violência. Neste sentido, todos esses elementos estão presentes nas relações de gênero e que engendram a violência doméstica.

Assim, “a expressão gênero começou a ser utilizada justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física, biológica. Falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino”.

Normalmente, quando o assunto é violência contra a mulher, fomenta-se um debate veemente, porque remete-se às relações sociais produzidas na sociedade. Rejeitamos a abordagem simplista, na qual toda a culpa da vitimização da mulher recai sobre o masculino, procurando - se fazer uma análise do tema em suas múltiplas determinações.

Como assinala Priore (1997, p.645), o pai e marido é o cabeça da família, não só reconhecido como aceito. A mãe e esposa, embora ativamente envolvida em ajudar a sobrevivência da família, aceitava sua submissão ao marido. Ela era a inferior, mas não a infeliz

parceira na aventura matrimonial, e ela não se revoltava contra sua carga. Dessa forma, nascia a família e propriedade privada para reforçar o conceito ideológico de patriarcado que oprime a mulher, sob as normas discriminatórias socialmente aceitas.

Neste sentido, este estudo buscou compreender em que medida os estereótipos de gênero, aliados às condições materiais de sobrevivência, banalizariam ou impediriam uma maior visibilidade do fenômeno da violência contra a mulher trabalhadora rural.

Para a construção da pesquisa buscou-se no levantamento de dados no VII Acampamento das Trabalhadoras Rurais sem Terra, quais os discursos e estratégias de enfrentamento para as mulheres em situação de violência. O tema do acampamento esteve vinculado à soberania alimentar e as diversas formas de violência doméstica sofrida pelas mulheres.

As mulheres do campo formulam seus discursos a partir da sua realidade do cotidiano. Como afirma Ruas (2000 p28), a finalidade das análises sobre as trabalhadoras rurais deve descrever a vida cotidiana dessas mulheres rurais assentadas, a invisibilidade do seu trabalho e seu discurso sobre as relações de gênero e a violência doméstica.

Assim, um dos questionamentos colocados por essas trabalhadoras está relacionado à invisibilidade do seu trabalho, de modo que não tem como separar o estudo de gênero no meio rural e da violência doméstica contra a mulher, da invisibilidade do trabalho produtivo dessas mulheres rurais, por ser este um dos pontos críticos da análise da mulher no campo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, baseado na fundamentação teórica e na investigação empírica, revelou que atualmente a violência contra a mulher acontece no mundo inteiro e atinge mulheres de todas as classes sociais, de todas as idades, raças, etnia e orientação sexual.

Dessa maneira, qualquer que seja o tipo físico, sexual, psicológico ou patrimonial a violência está vinculada ao poder desigual das relações de gênero, onde impera o domínio dos homens, e está ligada também à ideologia dominante que lhe dá sustentação (NEAD, 2005).

Como afirma Ruas (2000), considerando-se a complexidade do fenômeno da violência contra mulheres e o lugar que ocupa numa rede de violência maior ou estrutural, não se pode perder de vista sua interseção com outros fatores determinantes, "*gramáticas sociais*" ou "*sistemas de mediação social*", como classe social, raça/etnia, as normas e princípios, e as representações sociais.

Neste sentido, homens e mulheres, em razão da especificidade de gênero, são atingidos pela violência de forma diferenciada. Enquanto a maior parte da violência cometida contra os homens ocorre nas ruas, nos espaços públicos, nas relações de produção e, em geral é praticada por outro homem, a mulher é mais agredida dentro de casa, no espaço privado, e o agressor é ou foi uma pessoa íntima, namorado, marido, ou amante (SAFFIOTI, 1994).

Dessa forma, são muitas as formas de violência contra a mulher, desigualdade salarial, assédio sexual e moral, o uso do corpo com objeto de agressões sexuais. Com relação às trabalhadoras rurais, é uma grande preocupação e uma prioridade de luta no combate a todo tipo de agressão, porque no meio rural a violência doméstica vem crescendo muito. Como também a

separação, ou seja, essas mulheres têm fugido dos assentamentos e de seus agressores, uma atitude que causa sofrimento na família e desestrutura a sociedade.

Um dos pontos importante deste estudo foi perceber que muitas das mulheres entrevistadas não caracterizam as violências verbais, psicológicas, morais e patrimoniais como sendo violência, muitas chamam a essa agressão de “nervoso dos companheiros” por problemas externos.

No VII Acampamento, foi observada, nos discursos das mulheres trabalhadoras rurais, a necessidade de trabalhos para o casal, pois elas falaram que as palestras tratando do tema da violência deveriam ser feitas também com os homens, os quais ignoram os elementos do sistema patriarcal e que os mesmos podem levar à violência doméstica.

A erradicação da violência doméstica não pode ser resolvida simplesmente com o conhecimento só das mulheres sobre as desigualdades e as relações de gênero patriarcal, dito de outra forma, os mecanismos geradores da violência – relações de gênero sustentada na submissão e desigualdade - têm que ser do conhecimento do casal, porque deste jeito às possibilidades de enfrentamento poderão ter maior êxito no combate deste fenômeno.

Portanto, os companheiros não entendem quando elas relatam o aprendizado que tiveram nos fóruns de debates como, por exemplo, no VII Acampamento, sobre as relações de gênero e a gênese da violência doméstica contra as mulheres, e, mais, os homens têm que compreender essas relações, pois está aí, nesta compreensão e entendimento, a possibilidade de enfrentamento da violência, uma vez que a violência doméstica é uma modalidade material de controle social e da repressão exercida sobre a forma de idealização de socialização.